

**ARTES VISUAIS NA CRÍTICA LITERÁRIA DE
ARMINDO TREVISAN**

Eduardo Jablonski¹

Luiz Marcelo Pereira²

Adriela Brito³

¹ Mestre em Letras (UFRGS), especialista em Inglês, Ética, Ensino de Filosofia, Docência de Ensino Superior e Profissional e Gestão Financeira, licenciado em Letras Inglês e Filosofia, professor concursado do Governo do Estado do RS e da Prefeitura de Santo Antônio da Patrulha e-mail: evjj1969@gmail.com.

² Bacharel em Administração de Empresas.

³ Licenciada em Letras Português e especialista em Tecnologia da Informação e Comunicação Aplicadas à Educação e História e Cultura Afro-brasileira.

RESUMO

Os maiores críticos literários do Brasil defendem a necessidade de o interessado em se tornar um especialista na área ler e estudar o tempo todo os clássicos de literatura como os de teorias da área. Mas um deles, Armindo Trevisan, inovou ao inserir conhecimentos de artes visuais a esse processo. Devido a isso o propósito desta pesquisa é analisar como o intelectual gaúcho misturou as duas áreas: a crítica e as artes visuais. O objetivo geral do trabalho, portanto, é analisar a utilização das artes visuais no

estudo de crítica literária, principalmente de poesia. O objetivo específico é verificar como Armindo Trevisan procedeu dessa forma na sua coletânea de ensaios “Dança do Sozinho”, publicada em 2016. Em termos metodológicos, far-se-á uma pesquisa bibliográfica. Como o presente estudo almeja mostrar, o resultado da crítica literária de Armindo Trevisan, ao misturar os conhecimentos das artes visuais aos de crítica literária, contribui para formular conceitos sobre o que é a poesia nas suas mais variadas facetas.

PALAVRAS- CHAVE: Crítica Literária. Artes Visuais. Armindo Trevisan.

VISUAL ARTS IN THE LITERARY CRITICISM OF ARMINDO TREVISAN

ABSTRACT

The greatest literary critics in Brazil defend the need for those interested in becoming an expert in the field to read and study the classics of literature all the time, such as essays and theories. But one of them, Armindo Trevisan, innovated by adding knowledge of visual arts to this process. Because of this, the purpose of this research is to analyze how this scholar mixed the two areas: criticism and visual arts. The general objective of the work,

therefore, is to analyze the use of visual arts in the study of literary criticism, mainly of poetry. The specific objective is to study how Armindo Trevisan proceeded in this way in his collection of essays “Dança do Sozinho”, published in 2016. In methodological terms, a bibliographic search was carried out. As the present study aims to show, the result of Armindo Trevisan's literary criticism, by mixing the knowledge of the visual arts with that of literary criticism, contributes to formulating concepts about what poetry is in its most varied facets.

PALAVRAS- CHAVE: Literary criticism. Visual arts. Armindo Trevisan.

ARTES VISUALES EN LA CRÍTICA LITERARIA DE ARMINDO TREVISAN

RESUME

Los más grandes críticos literarios de Brasil defienden la necesidad de que los interesados en convertirse en expertos en la materia lean y estudien en todo momento los clásicos de la literatura y las teorías del área. Pero uno de ellos, Armindo Trevisan, innovó sumando conocimientos de artes visuales a este proceso. Por ello, el propósito de esta investigación es analizar cómo el intelectual de Rio Grande do Sul mezcló las dos áreas: crítica y artes visuales. El objetivo general del trabajo, por tanto, es analizar el uso de las artes visuales en el estudio de la crítica

literaria, principalmente de la poesía. El objetivo específico es comprobar cómo procedió así Armindo Trevisan en su colección de ensayos “Dança do Sozinho”, publicada en 2016. En términos metodológicos, se realizará una búsqueda bibliográfica. Como pretende mostrar el presente estudio, el resultado de la crítica literaria de Armindo Trevisan, al mezclar el conocimiento de las artes visuales con el de la crítica literaria, contribuye a formular conceptos sobre lo que es la poesía en sus más variadas facetas.

PALAVRAS- CHAVE: Crítica Literaria. Artes Visuales. Armindo Trevisan.

● INTRODUÇÃO

Alguns críticos literários já discorreram sobre o que seria necessário para se tornar um especialista na área. Otto Maria Carpeaux, um austríaco que escapou da Segunda Grande Guerra para viver no Brasil, aprendeu a língua portuguesa e passou a publicar no país, dominava perto de dez idiomas, lia desesperadamente e se formou em várias disciplinas que achou adequadas para o exercício do metiê. Afrânio Coutinho afirmava que o melhor era ler os clássicos o dia todo até pelo menos os 80 anos. Wilson Martins achava preciso consumir 150 páginas por dia a vida toda. Porém o crítico literário gaúcho Armindo Trevisan, também poeta e professor universitário, inovou, uma vez que, além de estudar milhares de clássicos, dominar vários idiomas, concluir diversos cursos de graduação, mestrado e doutorado, ainda insere conhecimentos de artes visuais, para usá-los nas suas análises de crítica literária.

Assim o objetivo deste ensaio é estudar como o referido sul-rio-grandense utilizou essas comparações para refletir sobre a conceituação da poesia. Para tanto, estudou-se o livro “A Dança do Sozinho”, publicado pela editora Pradense em 2016.

“Desde fins do século XIV, em Florença, os pintores reivindicam para a nova pintura nascida de Giotto o status social de uma arte liberal comparável, por seu poder de criação e sua imaginação audaciosa, à poesia”. (CHASTEL, p. 363 apud LACOSTE, 1986, p. 7) Ou seja, não é exclusividade de Armindo Trevisan aproximar o conhecimento das artes plásticas ao da poesia. Outros pensadores já agiram dessa forma. É o caso

de Angel Rama, um famoso crítico literário do Uruguai, que afirmou o seguinte: “Pero también podremos venir en ayuda de demandante aquellos para quienes el mundo del arte y la literatura establecen la obligada intermediación con lo real.” (RAMA, 2021, p. 01)

Jean Paul Sartre disse que “o império dos signos é a prosa; a poesia está lado a lado com a pintura, a escultura e a música” (2004, p. 13). O filósofo tinha por finalidade escrever sobre como se faz literatura e achou conveniente aproximar a poesia - que nada mais é senão a nobre arte das palavras - das artes visuais, da mesma forma que Armindo Trevisan. Para fundamentar o estudo, foram lidas obras de como se faz uma pesquisa na área das artes visuais.

● À GUIA DE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta parte do estudo se destina a falar sobre como desenvolver um projeto de pesquisa no campo das artes visuais. Para tanto, ler-se-ão os artigos oferecidos pela cadeira de Metodologia de Pesquisa voltada para as áreas artísticas e culturais, da Especialização em Artes, organizada e promovida pela Universidade Federal de Pelotas. O primeiro artigo, cujo nome é “Um diálogo sobre a investigação artística em meio acadêmico”, escrito por Tiago Moura Porteiro, fala sobre “investigação pelo projeto; investigação através do projeto; investigação sobre o projeto” (2019, p. 224). O objetivo deste ensaio é descobrir como Armindo Trevisan pede ajuda às artes visuais para melhor entender o processo de criação de poesia. Não se trata, portanto, de um projeto artístico. Estudar-se-á uma produção teórica.

Tiago Moura Porteiro ressalta “a dialética entre projeto, processo e construção” (2019, p. 226), no desenvolvimento de um projeto artístico. Mas no caso do presente estudo o processo se daria na análise do texto “Dança do Sozinho”, confeccionado por

ISSN 2675-1852

Armindo Trevisan. E a construção seria a confecção de um artigo acadêmico baseado nas reflexões acerca do tema.

O ensaísta revela apreciar o método de tentativa e erro: “Poderia servir-me do que diz Beckett: errar, tentar, falhar; voltar a tentar, falhar ainda, falhar melhor. Vivo um pouco nessa ideia romântica de estar associado à contínua tentativa e ao erro.” (2019, p. 226) Talvez estudando como Armindo Trevisan trabalha e refletindo a respeito se consiga, aos poucos e paulatinamente, começar, em outros artigos, a também utilizar o conhecimento de artes visuais na análise de poesia. Muitos erros serão cometidos nesse caminho, mas aos poucos o manuseio desses conhecimentos deve melhorar.

“Neste debate são assumidas posições diferentes, que colocam mais a ênfase no resultado do que se produz. Tal posição considerará, porventura, uma maior relevância sobre o resultado final e menos na dimensão processual.” (PORTEIRO, 2019, p. 226) Em termos artísticos ou intelectuais, o trabalho não existe fim, não há um resultado perfeito. Um artista como um ensaísta está sempre em aprendizagem, como todas as pessoas de todos os setores. Seria conveniente que se valorizasse mais o caminhar do que o destino.

“O que ponho em causa (...) é a própria noção positivista de haver necessidade de se chegar a uma solução, definida e fechada.” (PORTEIRO, 2019, p. 229) Em artes visuais como na produção de crítica de literatura, não existe uma solução final. Sempre há alternativas diferentes e modos de raciocínio diversos. Não há um caminho, porém vários, talvez até infinitos para se chegar a uma boa solução artística ou de análise literária.

No artigo “Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico”, os autores Sylvie Fortin e Pierre Gosselin afirmam que “a pesquisa nas artes, no sentido mais amplo, se aplica à investigação que é realizada no campo das artes. É

ISSN 2675-1852

uma forma de abordar artistas, seus processos e os seus produtos.” (2014, p. 1) No entanto, o presente estudo, embora almeje trabalhar no setor das artes visuais, não aborda a produção de artistas, nem seus processos ou mesmo produtos. Faz algo diferente, como já foi dito.

Sylvie Fortin e Pierre Gosselin revelam ter criado, numa universidade canadense, três linhas de pesquisa de doutorado em Artes Visuais: “tese-pesquisa; tese-intervenção e tese-criação”. (2014, p. 2) Seria adequado que se visualizasse a conceituação de cada uma. Mas se supõe que a ideia do presente estudo se ajustasse à tese-pesquisa, mesmo que se trate de uma pesquisa bibliográfica.

No entender de Sylvie Fortin e Pierre Gosselin, “a posição dos estudantes de doutorado varia quanto a este requisito, alguns permanecem reticentes sobre a parte teórica da tese” (2014, p. 6), isso que se trata de um país culto como o Canadá, mas no Brasil parece não se valorizar o viés teórico em nenhuma área, porém a ênfase do presente estudo vai apenas pelo caminho teórico.

Em “Pesquisa baseada em arte: criações poéticas desdobrando mundos”, Maria Cristina Diederichsen fala sobre a importância dos “processos artísticos de pesquisa que tencionem os discursos hegemônicos” (2019, p. 64). Pois é exatamente o que esta pesquisa almeja fazer. Embora não se trate de uma produção nas artes visuais, pretende “tencionar os discursos hegemônicos” no sentido de que não levará em consideração apenas o uso de clássicos da literatura ou da teoria literária para a análise de obras poéticas, fará a interdisciplinaridade com a teoria das artes visuais. O normal dentro da crítica literária é a interdisciplinaridade com o auxílio da História, da Filosofia e da Sociologia. Raramente as artes visuais integram esse processo.

Maria Cristina Diederichsen cita Stephanie Springgay (2008), para quem “o pesquisador e o processo investigativo estão em constante devir e, portanto, haverá sem-

ISSN 2675-1852

pre relações inexploradas” (2019, p. 76). Exatamente por isso se pensou em estudar a utilização dos conhecimentos de artes visuais na crítica, para se evoluir por esse caminho na confecção de ensaios de análise poética. Já era comum o crítico dispor de conhecimentos da Linguística, da teoria literária, da Sociologia, da Filosofia e da História. O conhecimento das artes visuais é uma novidade nesse caminho.

Segundo Isaac Antônio Camargo, “pode-se dizer que, a partir do Modernismo, a Arte assumiu a busca por sua autonomia, ou seja, adotou a liberdade de concepção, expressiva, criativa e propositiva” (2020, p. 8). E é a mesma liberdade que se propõe neste estudo.

O escritor e crítico literário Julio Cortázar defendia a desconstrução da literatura sempre que um autor se propusesse a escrever. Nos ensaios de crítica, não é o que comumente se constata. As dissertações de mestrado ou teses de doutorado em geral trabalham da mesma forma, analisando estratégias de discurso e a hermenêutica das proposições. A maioria dos críticos literários no Brasil segue a esteira de Antônio Cândido e obedecem aos ditames da Sociologia da Literatura. Há pouca inovação na crítica. Talvez Armindo Trevisan seja uma exceção. Propôs-se a criar algo, ao trazer para a conversa o seu conhecimento de artes visuais.

● A DANÇA DO SOZINHO

Em “Carta aos Leitores”, já na página 15, texto que discorre sobre Gaston Bachelard, Armindo Trevisan cita Jean-Pierre Changeux, a quem chama de cientista, mas que faz colocações acerca da produção criativa: “A arte, e notadamente as artes plásticas, detém como uma espécie de ritual, o poder de reunir, de juntar, de reconciliar para além de qualquer crença ou ideologia.” (2016, p. 15) Na verdade, o crítico e poeta gaúcho está coletando ideias soltas que acredita serem importantes para constituir o seu pensamento do que seria apreciar a arte e utilizá-la no que lhe interessa, isto é, na crítica de literatura. Como é doutor em Filosofia, parece usar um procedimento de Michel Montaigne, que, nos seus Ensaaios, também trazia ideias soltas a respeito de assuntos diferentes, mas discorria sobre cada uma delas.

Visto que tudo que escreve sobre a utilização das artes plásticas tem por objetivo a literatura, é possível compreender os sintagmas separadamente. Por exemplo, quando salienta o ritual das artes plásticas, está querendo dizer que na literatura também existe esse procedimento, mas cada intelectual trabalha de maneira um pouco diferente. Clarice Lispector levava blocos de papel consigo e anotava o que lhe viesse, ideias, imagens, adjetivos. Guimarães Rosa inventava vocábulos, usando radicais, prefixos ou sufixos de 11 línguas diferentes. Manoel de Barros convivia com analfabetos para desaprender a língua e utilizar expressões dos incultos dentro da sua produção.

Armindo Trevisan também enfatiza a passagem sobre “crença ou ideologia”, dita por Jean-Pierre Changeux, porque sabe que cada escritor possui as suas crenças e ideologias. Jorge Luis Borges e Ezra Pound, por exemplo, eram partidários da extrema direita. Mas Alejo Carpentier ou Mario Benedetti trilhavam o caminho oposto, o da es-

querda. E essa forma de pensar termina transpassada para a literatura. O próprio Armindo Trevisan, que já foi padre, segue acreditando em Deus e na Religião e sua poesia está impregnada de fé.

Armindo Trevisan percorre três caminhos nos seus ensaios. Às vezes, fala somente sobre artes visuais, porém dando a entender que os conceitos formulados podem ser vistos no estudo de outros gêneros de arte, como a literatura, que é o que mais lhe interessa, a música, a dança, o cinema. Em outras oportunidades, reflete apenas sobre a poesia, o gênero mais nobre e difícil da arte literária. E também escreve misturando artes visuais e literatura.

“No poema de William Carlos William, o pormenor é a visão de um carrinho vermelho ao lado de galinhas brancas. O poema é mais visual.” (TREVISAN, 2016, p. 234) Existem autores que têm o poder de erigir um poema visual, como se imitassem as artes plásticas, no sentido de criar uma cena com vocábulos. É o que o ensaísta comenta nessa passagem. Em 2016, foi publicado um livro de crítica acerca do mesmo assunto, cujo título era “Degrazia pinta palavras”.

Nesse sentido, Trevisan coletou uma frase de Eduardo Galeano, que disse: “Creio que pinto escrevendo, por falta de talento para pintar pintando. Como não pude ser pintor, não tive outro remédio a não ser virar escritor.” (2016, p. 239) O ensaísta considera as artes visuais muito próximas da poesia, motivo pelo qual as emprega para fazer comparações com a crítica literária e também por essa razão trouxe um pensamento do escritor uruguaio. Trevisan revelou que “Gabriele D’Annunzio se interessava pelas artes figurativas” (2016, p. 238). E Petrarca, que nutria gosto pelo visual, escalou o monte Ventoux, no século XIV, para ver a paisagem lá de cima (2016, p. 242).

Armindo Trevisan comenta que Gaston Bachelard era um grande leitor de poesia e ficava extasiado diante de um objeto, visto que o observava visualmente, ou seja,

ISSN 2675-1852

mais uma vez o ensaísta e poeta gaúcho mistura a poesia às artes visuais. Quem lê a sua obra deve ter a impressão de que ambas caminham juntas, como se fossem irmãs.

Quando se observa um objeto, segundo Armindo Trevisan, o espectador aprecia algo bonito ou exótico. O mesmo se dá com a poesia. O poeta busca a metáfora mais bela ou diferente, mas que possa sensibilizar o leitor. Ezra Pound (1990, 1995) subdividia a produção poética em três segmentos: melopeia, logopeia e fanopeia. A primeira tentava aproximar a poesia da música, ao utilizar recursos diversos, como anáforas, aliteraões, assonâncias, rimas toantes ou soantes. A logopeia dizia respeito às ideias trabalhadas nos poemas, e a fanopeia são as figuras retóricas.

Uma obra de arte visual, para Armindo Trevisan, apresentaria esses três elementos, porém eles se dariam na mente do espectador. Uma imagem transmitiria movimento, melodia, dança. Trevisan já falou que a arte da África, a escultura ou a pintura, trazem as características do seu povo, que incorpora a dança em seu jeito de ser. A logopeia seriam as ideias apresentadas como proposta do artista e fariam o espectador pensar da mesma forma que a poesia. A fanopeia entraria nesse mesmo jogo. Depende da ideia do artista, uma pintura ou escultura despertariam imagens na mente do espectador.

Como Armindo Trevisan foi padre da Igreja Católica, sempre faz comentários religiosos nos seus poemas ou ensaios de crítica literária. Sobre a vinculação da arte nesse processo, ele disse que, “numa época transbordante de irracionalidade, de anarquia e de terrorismo, a arte é uma aliada de Deus” (2016, p. 18), como se o fato de existirem as artes visuais e a poesia - que em última instância é o que lhe interessa - isso pudesse deixar as pessoas com um comportamento um pouco mais gentil, empático e compreensivo.

Também adepto da ocultação e do opaco na poesia, Armindo Trevisan faz uma comparação com a arte visual: “Aqueles imagens sem corpo ou de corpos desencarnados da Arte Bizantina são símbolos do invisível.” (2016, p. 24) O autor procura levar esse detalhe para a sua produção textual. Suas metáforas encobrem o significado, mesmo que o deixem entreaberto, como por meio de um véu transparente, para o que o leitor consiga captar e fazer parte da construção semântica do não-dito.

No entender de Armindo Trevisan, “a arte abstrata inaugura-se com o Renascimento, quando os artistas começam a concentrar-se no veículo da mensagem artística” (2016, p. 25) É como se estivesse dizendo que o criador se preocupa com a forma, com o jeito de esconder a mensagem. E a poesia - defende Armindo Trevisan - se comporta de igual maneira. É na forma, na estrutura, nos recursos melódicos, imagísticos e nos conceitos - chamados por Ezra Pound (1990, 1995) de melopeia, fanopeia e logopeia - que recai o interesse do artista da palavra como da pintura.

Armindo Trevisan garante que “o objetivo último da arte é o diálogo” (2016, p. 37) e, quando afirma isso, se refere tanto à poesia quanto às artes visuais, uma vez que escreveu a vida toda na crítica literária, mesclando o conhecimento das artes visuais ao da literatura, e poesia efetivamente, num total de dez livros para cada área.

“A peça [de arte visual] converte-se em signo, cujo sentido, como no poema, permanece no interior do leitor, naquilo que sua imaginação é capaz de desbobinar.” (TREVISAN, 2016, p. 37) Mais uma vez, o autor liga as artes visuais à produção poética. Quando escreve crítica literária, ele sempre traz na mente as duas artes. Na poesia, ele também a pratica. Nas artes visuais, utilizava o conhecimento para ministrar aulas na graduação e pós da UFRGS.

“A partir daí o leitor ou o espectador fazem o poema ou o quadro.” (TREVISAN, 2016, p. 29) Nessa passagem, o poeta, professor e ensaísta diz que o criador da palavra ou das artes visuais (porque sempre raciocina em conjunto ambos estilos) trabalha

ISSN 2675-1852

na sua produção, talvez sem pensar num leitor ou espectador ideal e quando a obra for entregue ao público será interpretada conforme a experiência de vida, de estudo e de leitura de cada um.

Para Armindo Trevisan, a arte - tanto a poética quanto a visual - são uma “ficção que se vale de recursos ópticos para sugerir” (TREVISAN, 2016, p. 28). É claro que os recursos ópticos estão mais afeitos às artes visuais. Na poesia, o leitor se depara com os versos por meio da visão, é verdade, mas a arte da palavra não se desdobra em criação visual. O leitor necessita do recurso óptico somente para lê-la. Armindo Trevisan não parece adepto da Poesia Concreta, inventada em 1956 pelos irmãos Campos e Décio Pignatari. Logo dispensa a alternativa visual dessa parcela da poesia brasileira que, de certa forma, revolucionou um segmento da poesia mundial. O que Trevisan deseja nessa passagem é defender que tanto a poesia quanto as artes visuais têm o poder da sugestão, de despertar o imaginário.

Quando pensa nas artes visuais, parece que Armindo Trevisan, na verdade, busca refletir sobre a poesia. Seu foco sempre é a arte da palavra, poeta que é. Escreveu, por exemplo, que o artista abstrato “não é propriamente unidimensional, mas, antes, pluridimensional. No momento em que os olhos não veem determinado conjunto, podem ser o que quiserem.” Aqui o professor, poeta e ensaísta parece referir o poeta hermético, que, como o artista plástico abstrato, abre amplo segmento de significação ao leitor e ao espectador.

Armindo Trevisan é daqueles que faz tudo em nome da pureza da poesia. Escreve ensaios sobre poetas para melhor entendê-la, reflete sobre as mais variadas teorias literárias também com esse objetivo, estuda as teorias das artes visuais com o propósito de aprender com elas para melhor entender a sagrada poesia escrita, porque Armindo Trevisan também acha que as artes visuais podem ser uma espécie de poesia, mas no formato visual.

“Na cegueira voluntária da arte abstrata, a imaginação vê.” (TREVISAN, 2016, p. 26) Quanto mais opaco for tanto a pintura, quanto a poesia, mais possibilidades serão abertas para a interpretação. O opaco não está na linguagem denotativa. Armindo Trevisan leva os dois gêneros com igual propósito, a fim de que um ilumine o entendimento do outro, num hibridismo pós-moderno.

Armindo Trevisan afirma que suas considerações supõem uma leitura metafórica do real (TREVISAN, 2016, p. 33) e aqui se refere, mais uma vez, tanto à poesia quanto às artes visuais. Ele jamais procura a interpretação denotativa de um quadro, de uma escultura ou de um poema. Não interessa o que aparece superficialmente nessas demonstrações. Escava para perceber o que poderia estar por trás de uma imagem escrita ou visual. A obra, no seu entender, foi elaborada para o espectador ou o leitor refletirem no sentido do encontro com o belo.

ÚLTIMASPALAVRAS

O normal da crítica literária é o estudioso estar sempre bem informado com relação aos clássicos de várias línguas, inclusive nos idiomas originais, e fazer citações de ensaístas de teoria da literatura e, se for se afastar um pouco da área, ir no máximo para a História, Filosofia, Linguística ou a Sociologia. Armindo Trevisan faz algo diferente. Embora também domine os clássicos das áreas citadas, também adentra nos conhecimentos teóricos das artes visuais, e essa é a contribuição dele para a crítica da literatura, mais especificamente para a análise da construção da poesia.

A pequena contribuição que este artigo se propõe é discutir outra possibilidade de se fazer crítica literária, alternativa esta inventada pelo intelectual gaúcho.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, I. A. (2020). Publicações de artista: práxis, pesquisa e ensino em arte visual. *Revista Estado da Arte*, Uberlândia. v.1, n.2, p 1-28, jul./dez. 2020.

<https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57726>.

DIEDERICHSEN, Maria Cristina. “Pesquisa baseada em arte: criações poéticas desdobrando mundos”. *Políndromo*. vol. 11, n 25, p. 64-84, set-dez 2019.

FORTIN, Sylvie; GOSELIN, Pierre. “Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico”. *Revista Art Research Journal*. Vol. 1, p 1-17, jan./jun. 2014.

JABLONSKI, Eduardo. *Degrazia pinta palavras*. 2.ed. Porto Alegre: Bestiário, 2016.

LACOSTE, Jean. *Filosofia da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

MONTAIGNE, Michel. *Ensaio*. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1996.

PORTEIRO, Tiago Moura. “Um diálogo sobre a investigação artística em meio acadêmico”. *Revista Diacrítica*. Vol. 33, n. 1, p. 223-299, 2019.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

_____. *A arte da poesia*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

RAMA, Angel. *La generación crítica*.

Disponível

em:

http://www.autoresdeluruguay.uy/biblioteca/Carlos_Real_De_Azua/lib/exe/fetch.php?media=rama_-_la_generacion_en_vv_aa_-_uruguay_hoy-3.pdf

Acesso em: 08.02.2021.

SARTRE, Jean Paul. *O que é literatura*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2004.

TREVISAN, Armindo. *A dança do Sozinho*. Porto Alegre: Pradense, 2016.